

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 13

Antero de Quental



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1991

**EM NOME DA LIBERDADE, DA FRATERNIDADE
E DA EMANCIPAÇÃO DA ACADEMIA**
**Um importante inédito de Antero de Quental redigido no
âmbito das actividades da "Sociedade do Raio"**
(Coimbra, 1861-1863)

O objectivo principal deste artigo ⁽¹⁾ é a publicação de um importante documento inédito de Antero de Quental, redigido em Coimbra no âmbito das actividades da *Sociedade do Raio* (1861-1863). O documento surge enquadrado por algumas reflexões sobre a *Sociedade do Raio* e a participação de Antero de Quental nos movimentos estudantis da época.

Na 1.ª Parte tecem-se considerações várias sobre a *Sociedade do Raio* e o seu papel na Universidade de Coimbra no princípio da *década de 60* do século XIX.

Na 2.ª Parte procede-se à transcrição integral, com breves anotações e comentários, do manuscrito da autoria de Antero de Quental.

Na 3.ª Parte identificam-se eventuais contributos deste documento para uma nova compreensão da *Sociedade do Raio* e do *jovem Antero*.

* Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

⁽¹⁾ Este artigo é complementar da comunicação apresentada ao Congresso "História da Universidade" (No 7.º Centenário da sua Fundação), onde se explica de forma mais detalhada a génese, a composição e a acção da *Sociedade do Raio*: António Nóvoa, "A Sociedade do Raio na Coimbra Académica de 1861-1863", in *Universidade(s): História – Memória – Perspectivas*, Coimbra, Comissão Organizadora do Congresso "História da Universidade", 1991, vol. 3, pp. 277-320.

Antero de Quental

1. Antero de Quental em Coimbra (1861-1863)

Antero de Quental e a Universidade de Coimbra: "Uma organização de estudos atrasada de 100 anos"

A entrada na Universidade de Coimbra não foi fácil para a geração de Antero de Quental. Matriculados por volta do ano de 1858, com idades rondando os 17-18 anos, estes jovens sentiram rapidamente o peso conservador da instituição universitária e das suas rígidas regras disciplinares.

Logo no primeiro ano lectivo, 1858/1859, Antero de Quental foi objecto de um processo académico, juntamente com outros estudantes, o qual trouxe penas severas, sobretudo para José da Cunha Sampaio e António Joaquim da Cunha Berrance, excluídos da Universidade, respectivamente, por dois anos e por um ano (cf. Mário Brandão, 1957). Outros conflitos marcaram também o início da vida universitária de Antero de Quental, como por exemplo o processo contra Alfredo Júlio Cortês Mântua que, segundo Mário Brandão (1974), se encontra na génese do movimento estudantil contra o Reitor Basílio Alberto de Sousa Pinto.

E, no entanto, talvez mais do que os processos disciplinares, o cerne da revolta da geração de Antero de Quental encontra-se na incapacidade da instituição universitária para acertar o passo com o *século novo*. Para estes jovens estudantes é inaceitável que a Universidade se mantenha à margem das correntes científicas contemporâneas e dos movimentos de renovação social.

Ao longo do século XIX, a Universidade de Coimbra denotou grandes dificuldades de reestruturação e de reforma, na perspectiva organizacional e académica, reproduzindo lógicas de funcionamento e modelos científicos claramente desactualizados. A este propósito, Maria Eduarda Cruzeiro (1987) mostrou como o molde institucional forjado pela Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra perdeu enquanto quadro organizativo fundamental, no qual as reformas do constitucionalismo monárquico se inscreveram.

A situação universitária no período oitocentista pode ser ilustrada pela estagnação quantitativa da população estudantil. A Reforma Pombalina de 1772 era portadora de uma dinâmica de "profissionalização dos estudos", o que provocou uma quebra significativa do

número de estudantes, em sintonia com a redefinição das funções sociais da Universidade. No final do século XVIII, o número de estudantes universitários estabilizou em *cerca de um milhar*, realidade que só se alteraria significativamente a partir do primeiro quartel do século XX ⁽²⁾.

Mais problemática é a estagnação qualitativa, que se traduz num afastamento do ensino universitário dos grandes debates do século XIX. O próprio Conselho Superior de Instrução Pública sublinha, no seu *Relatório de 1858/1859*, a imperiosa necessidade de "promover o desenvolvimento dos estudos experimentais nas ciências físico-matemáticas, para que os estudos possam corresponder às necessidades novamente criadas pelas diversas transformações que tem sofrido a sociedade" (cf. Joaquim Ferreira Gomes, 1985, p. 295).

Ignoradas também eram as questões sociais, que a rápida circulação de ideias vindas da Europa e as leituras de Michelet, Proudhon, Quinet ou Hegel tinham trazido para a primeira linha das preocupações de Antero de Quental e dos seus amigos. As palavras de Alberto Sampaio no *In Memoriam* ilustram bem a situação:

"O ensino universitário não satisfaz a mocidade, convulsionada pelas grandes questões do dia – questões filosóficas, religiosas, históricas, sociais, económicas... que prendiam sobretudo a atenção, tornando-se o tema das discussões ordinárias, em vez das lições oficiais. Como tinha chegado àquele canto remoto essa corrente revolucionária – não é fácil de explicar, nem tão-pouco, como teve o poder de apaixonar rapazes o menos preparados para a receberem" (1896, pp. 10-11).

O mal-estar da mocidade académica começou por ter raízes internas à Universidade, projectando-se de seguida "para fora". A crise estudantil de 1861-1863 compreende-se melhor à luz das crenças no "valor educação" que se consolidam neste período. Joel Serrão afirma que, em Antero de Quental, "o juvenil descobrimento do social-*outro*

⁽²⁾ Esta continuidade é interrompida, obviamente, no período das "invasões francesas" e durante a "guerra civil" (cf. José Silvestre Ribeiro, 1889). Maria Eduarda Cruzeiro (1988) contou individualmente os estudantes, entre 1850 e 1910, afirmando que pela Universidade de Coimbra passavam anualmente "entre mais ou menos 600 e mais ou menos 1200". António Rodrigues Lopes (1982) também fornece alguns elementos estatísticos com interesse.

Antero de Quental

traduziu-se pela atenção à educação das mulheres, do povo em geral e do operário em particular" (1982, p. 39).

O meio por excelência de uma nova intervenção sócio-política não podia deixar de ser o ensino: "porque um povo que possui a liberdade sem instrução (...) a custo poderá conservá-la, e o que é mais, conservá-la sem abusar" (Antero de Quental, Janeiro de 1860). O ensino é o princípio da acção e a sua reforma é uma condição *sine qua non* para o desenvolvimento do país e para a instauração de uma sociedade mais livre, mais fraterna, emancipada: não há liberdade sem instrução, "porque dela tudo isto descende, e por ela e com ela se cria" (Antero de Quental, Outubro de 1860).

Os estudantes vivem mal a contradição entre as suas ideias a favor de um investimento social acrescido na educação e as práticas escolares a que são submetidos no interior da Universidade. No imediato, o combate trava-se *cá dentro*: contra o atraso da instituição universitária e por uma reforma dos estudos; contra a repressão disciplinar e por uma vida universitária mais aberta; contra a desunião da Academia e pela instauração de práticas de fraternidade e solidariedade.

Antero de Quental e a Sociedade do Raio: "A necessidade duma sociedade secreta, onde se preparem o espírito e o ânimo da Academia"

A chegada a Coimbra constitui, inevitavelmente, um choque para jovens originários de todo o país, muitos deles realizando a primeira experiência de autonomia em relação às famílias. O desenraizamento dos estudantes leva-os a desenvolver normas de sociabilidade intensa, que servem de suporte a novos modelos de integração social. A tendência no sentido da ritualização destas formas de sociabilidade é estimulada pelo enquadramento institucional e pelas vivências quotidianas no bairro escolar.

A praxe académica desempenha um papel importante nos primeiros anos de vida coimbrã de Antero de Quental e dos seus amigos (cf. Mário Brandão, 1957). As tertúlias literárias ocupam também um lugar de relevo na procura de novas redes sociais e de interesses próprios no contexto do micro-cosmos académico. Entre 1858 e 1862 a publicação de periódicos com uma forte componente literária, em que participam Antero de Quental e muitos dos seus colegas, sucede-se a um ritmo

impressionante: *O Académico* (1860), *O Cisne do Mondego* (1860), *Estreia Literária* (1860-1861), *O Fósforo* (1860-1861), *Grémio Alentejano* (1861-1862), *Prelúdios Literários* (1858-1861), *O Tira-Teimas* (1861-1862), etc. (cf. Joaquim de Carvalho, 1955).

Mas, por volta de 1861/1862, as actividades praxistas e literárias parecem já não satisfazer integralmente a vontade associativa dos estudantes. Os modelos de convivialidade estrita tendem a ser substituídos por dinâmicas de intervenção mais marcadamente sócio-políticas. Verifica-se um salto qualitativo nos objectivos da acção e nas formas de organização.

É interessante sublinhar que os especialistas da obra anterior coincidem na identificação de um período de transição, cerca de 1862, que "começou por corresponder a um desejo de agitação [e] não tardou a ser uma projecção de algo que o poeta estava agora vivendo consigo mesmo: o interesse pelas ideias e pelos acontecimentos de ordem social" (Salgado Júnior, 1948, p. XXXII).

A vontade de encontrar novas dinâmicas de intervenção académica vai ter em José da Cunha Sampaio (regressado a Coimbra no início do ano lectivo de 1861/1862, após cumprir a pena de expulsão por dois anos) um dos principais protagonistas. A lembrança que Pinto Osório guarda deste estudante é muito nítida:

"José Sampaio, companheiro de casa do poeta, era, com seu irmão Alberto, (...) a verdadeira família de Antero de Qental.

José Sampaio tinha sobre ele o ascendente e o predomínio que um irmão mais velho tem sobre um irmão mais novo, que lhe é muito querido!

E não era só sobre o poeta do Fiat Lux e publicista da Defesa da Encíclica!

Sobre muitos de nós o exercia!" (1907, p. 75).

Nos últimos meses de 1861 ganha corpo a ideia de organizar uma sociedade secreta. Os laços de cumplicidade e de solidariedade criados na 1ª fase de vida estudantil vão servir de suporte a este projecto audacioso de conspiração contra as autoridades académicas. José da Cunha Sampaio assumirá um papel de relevo na direcção organizativa e operacional⁽³⁾. Mas o mentor da *Sociedade do Raio*, e o seu líder de referência, é Antero de Qental.

(³) Refira-se que, após a dissolução da *Sociedade do Raio*, foi criada a loja maçónica *Reforma*, tendo sido eleito para Venerável José da Cunha Sampaio, o que confirma o

Nos primeiros meses de 1862 o número de membros da *Sociedade do Raio* conta-se pelos dedos: seis? dez? Na Primavera de 1862 serão, talvez, cerca de duas dezenas. E antes de terminar o ano lectivo de 1861/1862 a *Sociedade* conta já com a adesão de sessenta ou setenta estudantes. Lentamente, por vagas sucessivas de recrutamento, tinha-se preparado a "explosão" de Outubro a Dezembro de 1862, quando a *Sociedade do Raio* atinge o zénite contando cerca de duzentos membros ⁽⁴⁾.

O estilo organizativo adoptado pela *Sociedade do Raio* tem grandes semelhanças com o modelo maçónico, tanto nos rituais de entrada, como nas práticas de decisão e de intervenção. O fenómeno é explicável, desde logo, pela sua adequação aos objectivos da *Sociedade do Raio*, mas também pela forte presença do "imaginário maçónico" nas memórias da Academia. Num certo sentido, o modelo maçónico é o único modelo disponível, sendo adoptado pelos estudantes na ausência de formas alternativas de organização.

O recrutamento dos membros da *Sociedade do Raio* obedece a um ritual nocturno, celebrado em sítios ermos e longínquos, fora da alçada da polfícia académica, culminando com a assinatura de um juramento ⁽⁵⁾. Os juramentos são firmados num livro ou em folhas avulsas, surgindo por vezes a data e a menção de responsabilidade de um

ascendente deste estudante na vida académica da época (cf. Joaquim Martins de Carvalho, 1868, p. 269). Numa carta de Pinto Osório publicada por António Cabral (1945, p. 106) pode ler-se: "A *Sociedade do Raio* não podia ser fundada em Abril de 1861. José da Cunha Sampaio foi indubitavelmente o seu iniciador, a sua *alma*". Também Alberto Sousa Lamy (1990, p. 107) escreve: "Quando Cunha Sampaio voltou a Coimbra, para se vingar dos que o tinham castigado injustamente, designadamente do Reitor Basílio Alberto, teria organizado o *Raio*."

⁽⁴⁾ O número de membros da *Sociedade do Raio* é bastante elevado se considerarmos, por um lado, as características clandestinas do modelo organizativo e, por outro lado, que havia 725 estudantes universitários em Coimbra, (contagem individual feita a partir da *Relação e Índice Alfabético dos Estudantes Matriculados na Universidade de Coimbra e no Lyceu no anno lectivo de 1862 para 1863*).

⁽⁵⁾ No *Espólio de Alberto Sampaio e José da Cunha Sampaio* existem 73 originais dos juramentos de filiação na *Sociedade do Raio*:

– 52 juramentos encontram-se registados num pequeno livro de folhas azuis (formato 20,5cm X 15,5cm).

– 21 juramentos encontram-se registados em folhas avulsas (formatos vários).

Existe também um conjunto de "minutas de juramentos", que não se encontram assinadas.

Antero e a Sociedade do Raio

"Delegado da Sociedade". As fórmulas dos juramentos variam ligeiramente, mas mantêm a mesma matriz, como se pode comprovar pela transcrição dos termos de compromisso de Albino Montenegro (incluída no livro) e de Joaquim Gaspar da Câmara Manuel (folha solta).

"Convencido da necessidade de combater uma instituição viciada.

Convencido de que este nobre fim só por meio duma sociedade secreta se alcançará.

Convencido de que esta sociedade não pode existir sem segredo, actividade, confiança e obediência.

Juro por Deus – pela minha honra – pelo que tenho de mais sagrado –.

Combater por todos os meios justos o despotismo universitário.

Obedecer em tudo às ordens que receba.

Guardar um segredo absoluto.

Juro esquecer antipatias pessoais e inimizades ante este fim nobre e patriótico. Juro confiança, actividade e segredo.

Coimbra, 22 Novembro 1862.

Albino Montenegro"

"Convencido pela necessidade de elevar pela educação liberal a mocidade Portuguesa à altura da missão regeneradora do nosso século. Convencido ainda mais que tudo de que não podemos preparar-nos para as grandes lutas da liberdade sob o jugo aviltante das leis opressoras e bárbaros preconceitos Universitários. Convencido de que isto só por um pacto de aliança se alcança. Convencido de que esta sociedade não poderá existir sem segredo, actividade, e confiança, e obediência. Juro por Deus, pela minha honra, pelo que tenho de mais sagrado, combater por todos os meios justos o despotismo Universitário – empenhar todas as minhas forças na reforma desta instituição – obedecer em tudo às ordens que receba para este fim – juro guardar um segredo absoluto – juro confiança, actividade e dedicação.

Coimbra, 17 de Dezembro 1862

Joaquim Gaspar da Câmara Manuel

Antero de Quental, Delegado da Sociedade"

O conteúdo destas fórmulas de juramento permite confirmar o *triplo combate da Sociedade do Raio*. É verdade que a necessidade de "combater por todos os meios justos o despotismo universitário"

destaca-se como principal objectivo estratégico. Mas a reforma dos estudos, concretizando uma verdadeira "educação liberal" de molde a preparar os estudantes para as "grandes lutas da liberdade", e o fomento da fraternidade académica, "esquecendo antipatias pessoais e inimizades", constam também como objectivos centrais da *Sociedade do Raio*.

A acção da *Sociedade* desenvolve-se em crescendo ao longo do ano de 1862. Paralelamente aos esforços organizativos, como veremos nos comentários ao documento de Antero de Quental, a *Sociedade* foi levando a cabo intervenções pontuais, conquistando terreno no espaço académico.

Em Outubro de 1862, aproveitando a passagem por Coimbra do Príncipe Humberto, os estudantes deram vivas à independência e à liberdade, dirigindo Antero de Quental, em nome da Academia, uma notável saudação ao "filho do amigo de Garibaldi":

"À mocidade Portuguesa não lhe sofre o coração que não recorde com saudade a memória do herói infeliz que escolhendo por último leito uma terra de homens livres, prestou, ainda na morte, homenagem à liberdade: não lhe sofre o espírito impaciente, ainda que oprimido por um fantasma do passado, que não vire os olhos para as bandas da luz, onde, no meio do combate, se enlaça o braço do rei ao braço do povo" (6).

O ensaio geral tinha decorrido da melhor forma. Tudo conduzia, agora, ao inevitável confronto com o Reitor. A ocasião azada surgiu na sessão solene de 8 de Dezembro de 1862, tendo os estudantes abandonado ostensivamente a Sala dos Capelos no momento em que o Reitor se preparava para usar da palavra. O acto de contestação, preparado pelos homens da *Sociedade do Raio*, ultrapassou largamente as expectativas dos estudantes.

Nos dias seguintes à evacuação da Sala dos Capelos, a *Sociedade do Raio* reforçou consideravelmente a sua estrutura, através de uma nova vaga de adesões. Mas a luta estudantil extravasou os muros da

(6) A transcrição é feita a partir do rascunho manuscrito da *Saudação ao Príncipe Humberto*, redigido pelo punho de Antero de Quental, que se encontra no *Espólio de Alberto Sampaio e de José da Cunha Sampaio*. Existem diferenças mínimas em relação às versões que foram dadas a público, tanto nos jornais da época, como em obras posteriores.

Universidade, obrigando os estudantes a uma explicação pública. A tarefa ficou uma vez mais a cargo de Antero de Quental, que redigiu o célebre *Manifesto dos Estudantes da Universidade de Coimbra – À Opinião Ilustrada do País (1862-1863)*, assinado à cabeça pelos membros da *Sociedade do Raio*.

O parágrafo final deste *Manifesto* atesta uma vontade de participação na vida social e política, que a instituição universitária tendia a asfixiar:

"Justiça! Um raio de sol também para nós, desse sol de liberdade e progresso que luz para todo o século, e só a nós nos deixa nas trevas do passado. Um lugar no banquete das garantias liberais, que nos é devido, porque essa liberdade custou o sangue dos nossos pais, o nosso sangue! Garantias para quem quer ser livre, digno e justo; auxílio a estes escravos que querem, um dia, ser homens e cidadãos."

A difusão pública deste *Manifesto*, que terá ocorrido após as férias de Natal de 1862 (7), obriga a *Sociedade do Raio* a uma importante reestruturação. O processo é liderado por Antero de Quental que sugere a criação de um *partido* no seio da Academia, considerando o período de organização clandestina como uma fase prévia necessária a esta nova etapa associativa.

O documento que se publica de seguida é a memória deste esforço de reorganização da *Sociedade do Raio*, que terá sido levado a cabo nos primeiros meses de 1863. O insucesso aguardava esta nova proposta, que dificilmente poderia vingar, tendo em conta o estado da Universidade de Coimbra e da sua Academia. A criação da loja maçónica "Reforma", na Primavera de 1863, é a constatação deste fracasso.

É verdade que o debate no seio da Academia se prolongou, opondo nomeadamente os *Traças* e os *Sopas* (8). É verdade também que, no ano

(7) No *Comércio de Coimbra* de 20 de Dezembro de 1862, refere-se que está a correr um *Manifesto* a assinar pela Academia, "redigido em linguagem moderada e conveniente". Por outro lado, no próprio texto do *Manifesto* existe a seguinte nota: "Em virtude de se acharem ausentes muitos estudantes por causa das férias, continuará aberta a subscrição a este *Manifesto* depois de se terminarem os dias feriadados do Natal". *O Tribuno Popular* acusa a recepção do *Manifesto*, sem quaisquer comentários, na sua edição de 10 de Janeiro de 1863.

(8) Sobre os conflitos entre os *Traças* e os *Sopas*, ver por exemplo: Rodrigo Velloso (1863, 1864), A. Moraes Leal Júnior (1864), José Leite Monteiro (1863) e Pinto Osório (1907).

Antero de Quental

seguinte, a *Rolinada* voltaria a agitar a Universidade de Coimbra. Mas tinha-se perdido a vitalidade e o dinamismo da *Sociedade do Raio*, que marcou um tempo forte da geração académica de Antero de Quental.

2. *Transcrição do documento inédito de Antero de Quental, apresentada na reunião de reestruturação da "Sociedade do Raio" (Princípio de 1863)*

Apresentação do documento

O documento de Antero de Quental que agora se publica pertence ao *Espólio de Alberto de Sampaio e de José da Cunha Sampaio*, guardado na Casa de Boamense (Vila Nova de Famalicão). Existem ainda vários outros papéis relacionados com a *Sociedade do Raio*, nomeadamente os juramentos de adesão, listas manuscritas de estudantes, rascunhos da "Saudação ao Príncipe Humberto", o original manuscrito do *Manifesto dos Estudantes*, manuscritos de poesias de Antero de Quental e alguma correspondência.

Trata-se de um documento manuscrito (32cm X 22cm), com 16 páginas. A partir do final da 13.ª página encontram-se as assinaturas dos 67 membros da *Sociedade do Raio* presentes na "reunião da reestruturação", em que este documento terá sido apresentado. À cabeça surgem as assinaturas dos decuriões, identificados com o sinal . | .

É possível atribuir a autoria do documento a Antero de Quental, de forma bastante segura, com base em três critérios principais:

- um critério de responsabilidade: Antero de Quental é o primeiro signatário do documento, tal como no *Manifesto dos Estudantes*;
- um critério material: o manuscrito foi redigido pelo punho de Antero de Quental, o que se confirma através de uma análise da sua grafia, realizada por comparação com outros textos escritos nesta época (cartas, manuscrito do *Manifesto*, manuscritos de poesias, etc.) (9).

(9) Para além dos manuscritos de Antero de Quental existentes no *Espólio de Alberto Sampaio e de José da Cunha Sampaio*, consultaram-se ainda outros manuscritos deste autor guardados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Manuscritos da Livraria, n.º 2266).

– um critério de estilo: várias passagens do documento têm a marca de Antero de Quental e muitas delas fazem lembrar o texto do *Manifesto dos Estudantes*, escrito na mesma época.

A datação do documento é mais problemática. Pelos argumentos aduzidos ao longo deste artigo parece-nos que o documento foi apresentado por Antero de Quental na "reunião de reestruturação" da *Sociedade do Raio*, realizada provavelmente em Janeiro ou Fevereiro de 1863 ⁽¹⁰⁾.

As nossas propostas de reflexão podem ser aferidas pela análise do texto integral do documento que a seguir se transcreve. Utilizaram-se as normas usuais de actualização ortográfica, respeitando-se todos os restantes aspectos: pontuação, maiúsculas, parágrafos, etc. Na listagem das assinaturas seguiu-se a grafia adoptada na *Relação e Índice Alfabético dos Estudantes Matriculados na Universidade de Coimbra e no Lyceu no anno lectivo de 1862 para 1863*. Tendo em conta a importância do documento procede-se também à sua reprodução integral, em fac-símile.

⁽¹⁰⁾ A realização de uma reunião de reestruturação da *Sociedade do Raio* é mencionada em vários testemunhos coevos, nomeadamente por Mariano Machado de Faria e Maia (1896, pp. 431-432). Numa carta de Pinto Osório publicada por António Cabral (1945, pp. 107-108) pode ler-se: "Quando, depois do acto de 8 de Dezembro de 1862, rompido o segredo se reuniram as diversas decúrias da Sociedade secreta, em que um ou outro nos ficamos conhecendo – reunião descrita por Mariano Machado no livro *In Memoriam* – foi o Antero que presidiu".

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO

COMENTÁRIOS

Amigos,

Não há ainda onze meses que alguns homens, fracos e isolados, tendo só por si a fé que dá uma vontade enérgica, intentaram um cometimento quase ridículo, tão grande era ele, e tão fracos eles.

Tratava-se de reformar abusos. Abusos arreigados pelo privilégio de um século; vinculados por interesses; sustentados pela força da inércia; sancionados pela tolerância ou indiferença dos que os sofrem. Tratava-se de reformar uma organização de estudos atrasada de 100 anos; um processo inquisitorial, sem garantias nem liberdade; a imoralidade das vinganças pessoais, em vez da justiça; a espionagem arvorada em mantenedora da ordem; a denúncia feita princípio de educação; o direito de escrever, falar, e até pensar, anulado com a ameaça de um R.; o terror, em vez do espírito de franqueza; a mocidade desmoralizada

Admitindo que o documento tenha sido redigido em Janeiro/Fevereiro de 1863, podemos situar o início efectivo da *Sociedade do Raio* nos meses de Fevereiro ou Março de 1862 ⁽¹⁾.

A explicitação dos objectivos põe a tónica na reforma de "uma organização de estudos atrasada de 100 anos" e no combate contra as práticas represivas das autoridades universitárias. É muito interessante a referência à mocidade "levando ao seio do país o vírus inoculado aqui", que marca bem um dos eixos estruturantes do documento: o vaivém entre o "dentro" e o "fora", entre o que se passa no interior da Universidade e as suas repercussões externas.

⁽¹⁾ Os diversos testemunhos sobre a *Sociedade do Raio* não são coincidentes quanto à data do início das actividades. Mário Brandão (1957, pp. 270-274) apresenta as datas sugeridas por José Bruno Carreiro (1948) e por autores da época (Joaquim Martins de Carvalho, Pinto Osório, Faro de Noronha, Teófilo Braga, João Machado de Faria e Maia, António de Azevedo Castelo-Branco, etc.). Através da análise do documento estamos em condições de confirmar como mais próximas da realidade as datas apontadas por Pinto Osório (1915, p. 94) e Rodrigo Veloso (1864, p. 94).

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO

pelo hábito de tanto se curvar; sem fraternidade; sem espírito de classe; sem amor; dividida; viciada pelo contágio; levando ao seio do país o vírus inoculado aqui; a mocidade, livre porque é nova e entusiasta, perdendo cada dia essa mais bela flor da sua alma... Tratava-se, finalmente, de livrar um século novo do fantasma doutro século morto e enterrado...

Eis o estado da Universidade e, mal de nós, o estado de grande parte da Academia. Se o abuso é grande, grandes são as raízes que lançou: são fortes, porque estão de cima; tem na sua mão a sorte de todos nós; tem amigos no poder; tem nesta terra amigos, que os interesses que representam lhes granjearam.

Quem se erguia contra eles? Ergueriam muitos a voz; o braço, nenhum. Os que tentavam a Reforma, fracos, sem protecções, mal vistos, tinham ainda, contra si, a indiferença da Academia, o ridículo da sua fraqueza, a inimizade de muitos. Era pois necessário organizar o combate, sem que se visse a cabeça que o dirigia; apontar a espada e esconder a mão: numa palavra, era mister conspirar antes de combater lealmente; organizar as forças, unir, evangelizar, maquinar na treva, enquanto a nossa fraqueza nos não desse que aparecêssemos à luz do dia.

Dizer isto, é mostrar a necessidade duma

COMENTÁRIOS

Na opinião de Antero de Quental, a situação denunciada é particularmente grave, na medida em que atinge não só a instituição universitária, mas também grande parte da Academia.

Esta parte, em que Antero de Quental mostra a necessidade de uma sociedade secreta, é uma das mais notáveis do documento. Defende-se a passagem da palavra à acção, sendo preciso "organizar o combate, sem que se visse a cabeça que o dirigia". Apresentam-se os diversos aspectos do trabalho conspirativo. Explica-se o modelo organizativo adoptado. Afirma-se, de novo, a vontade de preparar a Academia para cometimentos de maior envergadura.

Antero de Quental justifica a

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO

sociedade secreta, onde se preparem o espírito e o ânimo da Academia, para maiores cometimentos.

Como organizar esta sociedade? Com franqueza, falando a um e outro de cara descoberta, trabalhando em comum; discutindo e decidindo todos, era impossível. Primeiramente – os que a fundaram não tinham a confiança e simpatia dos que chamassem a ajudá-los; depois – a academia, desunida como está, dividida em 100 cabildas opostas, cheia de desconfianças, mais motejadora do que levada à crença, não se prestava a uma forma tão livre: por outro lado – a espionagem universitária, era obstáculo a reuniões repetidas: finalmente – aos que emprendiam este trabalho assustá-los-ia a sua mesma fraqueza se lha não encobrissem. Era mister conspirar na sombra; dar à nossa impotência, a força emprestada do mistério; ser-se despótico; assumir a ditadura; dar ordens, sem poder consultar mais do que indirectamente o voto e o espírito de todos.

Quem tem vivido no meio da Academia, compreende bem que a melhor vontade, a maior energia, a maior dedicação e trabalho, não podem lutar contra a desconfiança, que é um dos primeiros frutos da tirania que nos oprime.

Tal foi a origem da forma que até aqui tem tido esta sociedade – "Alguns homens de bom querer e actividade, assumindo o

COMENTÁRIOS

opção por uma sociedade secreta com dois grandes argumentos: por um lado a desconfiança e a desunião da Academia, dividida em inúmeros grupos opostos; por outro lado, a acção das autoridades universitárias e da polícia académica. Além de que era indispensável... "dar à nossa impotência, a força emprestada do mistério".

No entanto, Antero de Quental reconhece que este modelo organizativo "tem em si elementos de morte" e de degenerescência. Deste modo, ele é encarado como uma fase prévia, necessária à consolidação da *Sociedade*, devendo evoluir para formas mais abertas e livres de funcionamento e decisão.

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO

COMENTÁRIOS

poder que deveria dimanar de todos: os poucos em quem se podia com segurança confiar, e que tinham a boa fé de confiar em nós, transmitindo, servindo de fio condutor entre estes e aqueles outros com quem ser francos nos era ainda impossível. Em cousas destas é preciso estudar os homens antes de os admitir às decisões e aos segredos: é preciso, muita vez, iludir, mesmo servindo; mentir, àqueles mesmos a quem se faz um bem. Se, quando esta Sociedade constava apenas de 40 a 50 amigos, esses poucos tivessem ocasião de se contar e comparar o pouco que eram com o muito a fazer, desde essa hora a sua morte se tornaria inevitável.

O silêncio, o mistério, a pouca franqueza, foram, então, a primeira condição da nossa vida: só de esse modo se poderiam organizar as forças, para, depois, francamente, se combater.

Esta forma, a única possível, tinha entretanto e tem em si elementos de morte, se à maneira que crescemos e vigoramos se não for alargando e tornando mais livre. O mistério, que é, por um lado, uma das maiores garantias, é, por outro, princípio de desorganização. Como, para uma medida, nem todos discutem ou votam, não há maneira de saberem todos o que fazem alguns, o que planeiam, se trabalham ou se dormem. Pode decorrer um mês entre duas ocasiões em que trabalhe e obre a maioria da Sociedade: como se não vê o lidar misterioso, julga-se que se

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO

COMENTÁRIOS

descansa e que se esquece o fim.

É um engano. O que se fazia o ano passado? Nada, aparentemente. Pois, é fé, que não houve um só dia nessa época em que não déssemos muito e muito passo no interesse do nosso intento. Dias passados a evangelizar, ganhar, uma a uma, as vontades; animar os fracos; convencer os descrentes. O trabalho de estender influências; de procurar ocasiões para obrar. Os perigos com que a imprudência dum ou outro a cada hora nos ameaçava: a espionagem que era necessário iludir: o combate dado, em cada dia, contra a indiferença duns espíritos, contra a descrença de muitos outros. As inimizades que tudo isto acarreta. Mil cousas pequenas que, muitas e muito repetidas, são por si só um mundo de embaraços. O expediente de cada manhã: as tardes absorvidas em relatar o trabalho de hoje, discutir e combinar o de amanhã. Noites e noites de inverno, passadas em sítio longínquo, onde a polícia não pudesse chegar, à espera de mais um amigo, de mais um que nos quisesse ajudar e que, muita vez, no meio do caminho, a desconfiança ou indiferença fazia recuar.

Estes três parágrafos são dedicados à descrição do "lidar misterioso" da *Sociedade* durante o ano lectivo de 1862. As palavras ilustram bem o duro trabalho organizativo e os riscos assumidos pelos dinamizadores da *Sociedade*; elas são o melhor desmentido das tentativas de reduzir a actividade do *Raio* a uma "brincadeira de estudantes" ou a uma "mera diversão de jovens académicos", como várias vezes foi escrito.

A referência aos recrutamentos, pela calada da noite, em sítios longínquos, confirma uma boa parte dos testemunhos coevos ⁽¹²⁾.

Para além do trabalho de consolidação da *Sociedade*, Antero de Quental menciona ainda uma actividade "surda" de propaganda, bem como uma série de acções com impacto no seio da Academia. Graças à conjugação

⁽¹²⁾ Como seria de esperar, quase todos os autores se referem aos rituais de recrutamento, sublinhando o seu secretismo e mistério. É interessante consultar, nomeadamente: Joaquim Martins de Carvalho (1868), António Cabral (1945, p. 58) e Rodrigo Veloso (1864, p. 94).

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO

Tudo isto parece suficiente para entreter, e entreter à farta, quem, inexperiente e desajudado, se via a braços com tanta dificuldade; e, o que é mais, tanto desgosto, porque muita e muita hora escura nos tem toldado o céu da esperança. Desgostos, desinteligências (que os há sempre onde se discute e encontram opiniões) tudo isto – junto ao trabalho obrigatório de aulas e estudo – formará a vossos olhos o quadro de parte de nossas ocupações nesse meio ano.

Parte, dizemos, porque, em meio de tudo isto, ainda houve tempo para mais. Aquilo era o minar surdo, a propaganda, a organização; sem isso, como começar a combater, a lutar? E, entretanto, lutou-se. Pouco... seria: mas se vos dissermos que, quando apenas contávamos 20 no nosso número, impedimos que uma récita, que podia desacreditar a Academia, porque era dada em benefício de um

COMENTÁRIOS

de várias fontes ⁽¹³⁾ é possível sugerir uma identificação destas acções.

A 1ª acção mencionada terá ocorrido, provavelmente, no início da Primavera de 1862, a propósito de uma das numerosas récitas organizadas em Coimbra ⁽¹⁴⁾.

Admitimos que a 2ª acção assinalada diga respeito às manifestações académicas de 8 de Maio de 1862 (comemoração da entrada do "exército libertador" em Coimbra, no dia 8 de Maio de 1834), noticiadas em *O Tribuno Popular* de 21 do mesmo mês:

"Essas demonstrações, verdadeiramente pacíficas, são filhas da obrigação que têm todos os

⁽¹³⁾ Para além dos escritos de estudantes e de autores da época, procedemos à consulta de alguns jornais publicados neste período, nomeadamente de *O Comércio de Coimbra*, *O Conimbricense* e *O Tribuno Popular*.

⁽¹⁴⁾ Os jornais citados na nota anterior fornecem abundante informação sobre as récitas realizadas na cidade de Coimbra, nomeadamente no Teatro D. Luiz e no Teatro Académico. As representações a cargo do actor Simões são objecto de sistemáticas referências elogiosas. A imprensa académica também não regateia aplausos a este actor. Transcrevam-se, a título de exemplo, algumas passagens publicadas em *O Minho* de 13 de Maio de 1862: "Simões recitou também uma poesia de despedida, de Antero de Quental, poesia como as sabe fazer o talentoso poeta, que foi sumamente aplaudida. Não o foi menos, a que recitou, fremente de entusiasmo, de Antero de Quental igualmente, o distinto actor Fialho. (...) Para cerrar condignamente aquela noite de entusiasmo e delícias, Antero de Quental, chamado ao proscénio, pediu um viva à liberdade, que foi entusiasticamente correspondido".

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO

partido retrógado e iliberal, mas astucioso; que era como dar armas aos inimigos, não só os desta Sociedade, mas de todos nós; que era argumento contra o nosso espírito... e que essa récita não chegou, apenas, a ocupar nem os tipos do impressor: se vos dissermos que num dia memorável, podendo-nos ainda contar com os olhos, tão, poucos éramos, alvorotámos os ânimos de toda a cidade, e mostrámos que o aniversário das instituições liberais, era ainda festejado pela mocidade: se vos dissermos que impedimos que, numa noite de esquecimento, a Academia fosse debaixo das janelas do seu pior inimigo, saudá-lo com música, dar vivas a um Reitor, de cuja mão temos recebido mil ultrajes: que, em outras duas ocasiões, provocámos explosões de entusiasmo e saudações à palavra e ideia santa de independência e liberdade, que mostraram ao país que não estávamos mortos e, aos nos[sos] inimigos, que não sofríamos o jugo de boamente; que pusemos à nossa disposições [sic] 7 jornais, alguns deles importantes, para terem fora daqui eco as nossas palavras: que nesse prazo e em meio de tanto embaraço atraímos ao nosso grémio número avultado de amigos a ajudar-nos... se vos pintarmos este

COMENTÁRIOS

homens livres de, por todos os meios, fazerem saber ao país quais as crenças e disposições em que se acham".

Finalmente, é possível que a 3ª acção se reporte à manifestação de regozijo pela nomeação do lente de Direito, Dr. Bernardo de Albuquerque, realizada a 30 de Novembro de 1862, calando-se ostensivamente os estudantes quando passaram pela residência do Reitor ⁽¹⁵⁾.

As duas ocasiões em que a *Sociedade* provocou "explosões de entusiasmo e saudações à palavra e ideia santa de independência e liberdade" são, provavelmente, as acções de maior impacto público: a "Saudação ao Príncipe Humberto" (22 de Outubro de 1862) e a "evacuação da Sala dos Capelos" (8 de Dezembro de 1862). Refira-se que Antero de Quental sublinha as repercussões externas destes acontecimentos, que "mostraram ao país que não estávamos mortos".

⁽¹⁵⁾ Sobre este episódio, as informações mais abundantes são fornecidas por Joaquim Martins de Carvalho (1868, pp. 266-268). Ver também Pinto Osório (1915, p. 93).

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO

quadro assim, não será exagerar-lhe os toques porque é ele o transunto fiel do trabalho, actividade, incómodos, perigos, compromettimentos e inimizades que a Sociedade tem custado aos seus fundadores, até chegar a um estado, se não satisfatório, ao menos, oferecendo garantias de viver e dar bons resultados.

É por isso que não se podia, até agora, dar uma organização melhor, mais franca, mais ligada, a esta Sociedade. Não era possível; nem nós o podíamos também querer: não queríamos, enquanto não houvesse força imponente para por si mesmo se defender, em caso de compromisso, que sofressem todas as consequências da inexperiência dalguns. Se até agora houvesse um compromisso, esse tal, grande ou pequeno, seria só nosso, de mais ninguém. Agora, a nossa força já a si mesma se cobre de qualquer agressão: 100, 150, 200 homens não se hostilizam como 6 ou 10, porque se temem, e temem tanto mais, quanto mais se unirem e crescerem. Já não é uma coterie, é um partido. Agora podemos trabalhar com franqueza, podemos já dar uma forma livre e racional à nossa organização: podemos, dentre as 10 secções, com que hoje contamos, escolher os melhores, os mais activos, os mais inteligentes, mais experimentados, para com eles se formar uma parte essencial deste organismo: um conselho que decida as

COMENTÁRIOS

Finalmente, indica-se no documento a mobilização de sete jornais, "para terem fora daqui eco as nossas palavras". É um aspecto interessante, que mostra a preocupação com uma intervenção mais ampla e que confirma algumas passagens do *Manifesto dos Estudantes*.

Esta parte do documento é dedicada à constituição interna da *Sociedade*.

As primeiras referências descrevem o aumento progressivo do número de membros, desde o restrito núcleo fundador até ao conjunto de 100, 150 ou 200 homens concluindo que a Sociedade "já não é uma coterie, é um partido".

De seguida, apresenta-se a orgânica futura da Sociedade:

- uma Assembleia, composta pelo conjunto dos membros, a quem compete tomar as decisões mais importantes;
- um Conselho, que assume a liderança e o comando estratégico da acção;
- dez Secções (decúrias), lidera-

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO

questões e planos importantes; que nos ajude e esclareça; com o qual caminhe-mos de comum acordo: nós – à frente da acção; vós – aprovando ou rejeitando o que deve ser feito ou omitido.

É para isto que sois hoje aqui chamados; dentre vós todos não há um só que, por seus trabalhos e dedicação, não tenha a nossa confiança; a vossa, devemos nós merecê-la, porque não é pouco o que temos lutado, nem fraca a vontade de progredir. Uma assembleia, composta de quanto de melhor há entre nós; decidindo e votando todas as medidas importantes; um conselho comandando a acção; secções sujeitas cada uma a um chefe para que essa acção circule com rapidez por todo o corpo; actividade e confiança nos ânimos de todos: eis em poucas palavras o segredo da nossa organização. Eis, temos fé, a maneira de realizar o nosso fim, tão justo e tão necessário.

Dêmos graças à providência (que há também uma para os que sofrem por uma causa nobre) dêmos-lhe graças por já hoje, como irmãos, de cara descoberta, esquecendo inimizades pessoais, sem mistério, com toda a confiança, podermos

COMENTÁRIOS

das por um Chefe, que têm a responsabilidade de pôr em prática as decisões da Assembleia e do Conselho (16).

Por último, anuncia-se o momento de tirar as máscaras, apelando-se a que as inimizades pessoais sejam postas de lado. Este apelo será repetido várias vezes ao longo do documento, o

(16) Sobre a estrutura orgânica da *Sociedade do Raio* apresentaram-se as mais variadas e inverosímeis versões, fruto de um desconhecimento em que eram delibadamente mantidos os próprios filiados. No entanto, há alguns autores que dão informações bastante fidedignas; veja-se, por exemplo, Joaquim Martins de Carvalho (1868), Pinto Osório (1907, p. 189) e alguns textos do *In Memoriam* (1896).

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO

trabalhar em comum, sem haver mister de cobrir o rosto com a máscara e o coração com fingida indiferença.

Esta medida vai-nos dar a força que nos faltava: a confiança – Faltava ela porque não era possível, não trabalhando em comum, saber o que se fazia, ou se mesmo alguma cousa se fazia. Mais de um de vós, terá por vezes julgado tudo isto morto ou moribundo: e talvez que nessa hora se estivesse lutando com mais energia do que nunca – Agora, vamos saber uns dos outros e há-de a confiança florir e frutificar entre nós.

Aí tendes pois os vossos poderes. É um pacto entre todos: mas um pacto de união e fraternidade – Esse pacto vamos jurá-lo. Mas, antes de isso, será conveniente expor-vos o plano de nossos trabalhos futuros. Parte, em via de realização; parte, já meio alcançados: parte, à espera de meios e ocasiões propícias.

Quatro são as alas do nosso exército de ataque.

Por um lado, a palavra; o descrédito destes abusos e instituições velhas: a imprensa batendo em brecha a opinião pública: criando no país um partido convencido de estes males e disposto a ajudar-nos na obra da libertação.

COMENTÁRIOS

que mostra a preocupação com que Antero de Quental aguarda o desvendar das faces. O futuro encarregar-se-ia de lhe dar razão, pois o conhecimento mútuo trouxe para o interior da *Sociedade* as disputas e divisões existentes no seio da Academia.

O pacto de união e de fraternidade não pôde ser concretizado. O movimento desencadeado pela *Sociedade do Raio* esgotou-se na contestação ao Reitor (que se afastou do governo da Universidade após a "evacuação da Sala dos Capelos", tendo-se demitido em Julho de 1863), mostrando-se incapaz de adoptar novas formas de luta e de organização associativa.

Antero de Quental traça nesta zona do documento o plano dos trabalhos futuros da "nova" *Sociedade*. À partida são definidos quatro grandes vectores de intervenção, onde se destaca a vontade de projectar a acção estudantil para o exterior da Universidade e de a ligar a movimentos mais amplos do

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO

Em 2º lugar – a reacção activa e franca: não da parte de um ou outro, mas de todos nós, e, por nossa influência da Academia em massa, manifestando-se, em todas as circunstâncias, contra a opressão que lhe fazem sofrer.

Em 3º lugar – as influências, já aqui, já entre os princípios dos vários partidos, já entre todos aqueles, finalmente, que nos possam estender a mão, a levantar-nos.

Em 4º lugar – as ocasiões que as alternativas políticas nos possam oferecer, e que nos devemos aproveitar, contanto que ressalvemos a independência e dignidade do corpo a que pertencemos.

Enquanto ao primeiro ponto – Evangelizemos: propaguemos: nas reuniões dos amigos, nas correspondências, aqui, fora daqui, no Club Académico ou na botica de aldeia, falar, falar sempre, expor o estado em que estamos, as reformas que pedimos: criemos assim uma opinião na Academia, e depois em todo o país, no sentido da nossa ideia: Façamos soar aos ouvidos de todos o lúgubre som de nossas algemas, sacudido numa ânsia de aflição.

COMENTÁRIOS

ponto de vista social e político.

O documento dedica-se, sobretudo, à explicitação da primeira ala do exército de ataque: a palavra. Trata-se de um verdadeiro programa de propaganda, no sentido de criar uma opinião na Academia e em todo o país. "Falar, falar sempre" é a proposta de Antero de Quental aos estudantes.

Como seria de esperar a imprensa ocupa um lugar central neste projecto. Todos os espaços disponíveis devem ser ocupados, até que a *Sociedade* possua um jornal inteiramente seu (17).

Entretanto, confirma-se a realização no seio da *Sociedade* de trabalhos de maior vulto, nomeadamente estudos sobre reforma de ensino e sobre processo, que deverão ser continuados com vista à sua publicação e divulgação (18).

(17) Joaquim Martins de Carvalho (1868) confirma este projecto editorial: "Esteve para sair à luz um jornal, que ocultamente devia ser dirigido pela Sociedade do Raio, e no qual se defendesse a liberdade académica, e se propagassem as doutrinas que estivessem de harmonia com os intuitos da sociedade".

(18) Numa carta de António de Azevedo Castelo-Branco, publicada por António Cabral (1941, pp. 35-40), confirma-se este facto: "A sociedade não foi organizada só

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO

– *Enquanto ao jornal. Trabalhemos activamente para termos sempre em cada jornal do país uma coluna nossa, onde possamos suspender o sudário das nossas misérias. Algum temos, em breve os melhores do país se nos abrirão. Dentre vós todos aqueles que podem com o peso duma pena de jornalista, preparem-se, porque uma correspondência activa de todas as semanas será organizada em breve, como ariete assestado aos muros do edifício que atacamos. Trabalhos de maior vulto, estudos sobre reforma de ensino, sobre processo, sobre tantos outros pontos importantes se estão já elaborando, e em breve aparecerão, já em folhetins nas folhas avulsas, já sacudidos na chuva ardente de panfletos, caída nas mãos de todos. Enquanto não alcançarmos (porque mil obstáculos por ora se opõem) um jornal nosso, inteiramente nosso, que seja a voz da nossa ideia, ecoando em todos os ângulos do país, aproveitaremos todos os ensejos favoráveis. Falou-se o ano passado em se criar um Jornal no Teatro Académico: no Club têm aparecido*

COMENTÁRIOS

De seguida, Antero de Quental situa como um dos objectivos estratégicos a eleição de membros da *Sociedade* para as duas mais importantes associações estudantis. No Teatro Académico foi eleita em Dezembro de 1862 uma direcção afecta à *Sociedade*, ocupando José da Cunha Sampaio o cargo de secretário-geral⁽¹⁹⁾. No Club Académico, antecessor da Associação Académica de Coimbra, não consta que os intentos da *Sociedade* tenham sido bem sucedidos.

para conseguir a queda do Reitor. O seu inicial intuito era este; mas depois visava a mais elevados fins. Havia sócios encarregados do estudo de reformas do ensino, da substituição do regime disciplinar da universidade, etc.". Ver também o texto de Manuel de Arriaga no *In Memoriam* (1896, p. 100).

⁽¹⁹⁾ *O Conimbricense* de 15 de Dezembro de 1862 noticia a eleição do Conselho da Academia Dramática, onde se podem encontrar vários estudantes pertencentes à *Sociedade do Raio*. Sobre a passagem de testemunho na direcção da Academia Dramática é útil consultar os *Relatórios* referentes aos períodos de "Outubro de 1861 a Dezembro de 1862" e de "Dezembro de 1862 a Maio de 1863" da autoria, respectivamente, de Rodrigo Veloso e de José da Cunha Sampaio. Estes dois estudantes representavam sensibilidades opostas no seio da Academia.

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO

igualmente ideias no sentido de se fundar um sema[ná]rio. Apoiados nestas duas associações, tendo entrada e voto nelas, aproximaremos cada vez mais esses jornais à nossa ideia: activaremos o seu aparecimento, dar-lhe-emos paulatinamente uma direcção hostil à Universidade, até que então tomem esta cor. – É para isso que nos convém termos por nós a direcção destas associações. Numa destas casas vencemos já a eleição, na outra, ainda que duvidosa a vitória, esperamos que a energia, e mútua confiança nos fará ser vencedores. Organizada uma lista, boa ou má será essa a votada. Nestas cousas as antipatias pessoais devem esquecer, porque o trabalho compacto é o único meio de se alcançar um êxito feliz. É este o primeiro trabalho de que nos vamos ocupar; para ele como prova da vossa boa vontade exigimos a maior energia da parte de cada um, porque esta questão é para nós vital, porque não devemos transigir com antipatias pessoais, porque uma derrota será uma triste e perigosa manifestação da nossa impotência.

Aproveitaremos toda a ocasião de levar a Academia a protestar em massa contra os abusos e contra os homens; toda a reunião nos dará margem a manifestar o nosso descontentamento desde que estas manifestações se façam em número tal, que não possam haver comprometimentos inúteis... Mas que comprometimentos

COMENTÁRIOS

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO

COMENTÁRIOS

podem haver, quando forem 50, 100, ou 200 os comprometidos dos mais notáveis, dos mais queridos, ou temidos? E que pudessem haver? Temos lutado já com esse perigo, continuamos a cobrir com a nossa responsabilidade o corpo da sociedade, para que padecendo embora alguns homens, fique salva a instituição. – Mas quando chegar a hora de sermos descobertos, será essa também a nossa força. Mas então surgiremos nós a combater cara a cara, porque então será essa força a nossa garantia, será protecção para cada um a multidão daqueles, que o não eram. – Desacreditados os nossos inimigos pela imprensa; desorientados pelo inesperado do movimento; aterrados pela força duma sociedade, de que ignoramos recursos, e por isso exageram na imaginação; fulminados por manifestações repetidas, não será título de vinganças uma suspeita, mas antes de temor e de respeito. Não riscaremos do nosso código penal as medidas enérgicas, porque para quem conspira são bons todos os meios, quando os fins tiverem santidade bastante para os justificar. – Dentro e fora da sociedade deve o braço da justiça revolver-se punindo, ou recompensando.

Que nos não assuste o nome de conspiradores. Desde a hora em que nossas almas formaram o desejo da revolta, juramos o pacto da conspiração. Ele é belo e honroso esse pacto, porque é grande sempre aquele que mesquinho e oprimido se levanta

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO	COMENTÁRIOS
<p><i>contra uma tirania forte e rodeada de defensores.</i></p>	<p>Finalmente, para fechar o documento, faz-se uma vez mais o elogio da franqueza, pedindo a todos os irmãos que sacrifiquem inimizades, antipatias e interesses pessoais.</p>
<p><i>É belo esse pacto, porque é o juramento solene de irmãos nas mãos de irmãos, sacrificando inimizades, rixas, antipatias, interesses pessoais. Lá fora temos cada um o nosso nome: com esse nome vestimos o manto das nossas ambições individuais. Mas aqui ao entrar nesta sociedade, deixamos cair dos ombros esse manto mesquinho, aparecemos uns ante os outros na nudez sublime de alma, a que se chama franqueza.</i></p>	<p>O juramento final, que sela o pacto entre todos os membros da <i>Sociedade</i>, retoma as ideias-força apresentadas no documento: o combate ao despotismo das instituições académicas, "aqui e fora daqui", "em todos os tempos e por todos os meios"; a utilização privilegiada da palavra, num esforço de propaganda e de evangelização; o castigo dos traidores; e o esquecimento de todas as paixões e antipatias pessoais. A encimar este juramento colectivo encontra-se uma interessante reinterpretação da tríade revolucionária de 1789:</p>
<p>— <i>Em nome da Liberdade santa de defender cada um a dignidade da sua alma:</i></p>	<p>– a Liberdade, assumida como a "liberdade de cada um", em absoluto;</p>
<p>— <i>Em nome da Fraternidade que nos une a todos num comum anseio:</i></p>	
<p>— <i>Em nome da emancipação, da regeneração da Academia:</i></p>	
<p>— <i>Juramos = pela honra = pela mais sagrada crença do nosso espírito = pela vida de quem nos é mais caro = pelo Deus de nossos Pais e pelo nosso:</i></p>	
<p>+ <i>Combater pela palavra e pela acção o despotismo das instituições académicas, fonte de desmoralização para nós e para o país:</i></p>	
<p>+ <i>Trabalhar sem trégua nem descanso</i></p>	

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO

neste nobre empenho; aqui e fora daqui; em todos os tempos e por todos os meios:

- + *Propagar esta ideia; defendê-la e evangelizá-la:*
- + *Juramos castigar toda a traição com rigor correspondente às suspeitas, aos trabalhos, aos perigos que arrostramos:*
- + *Juramos esquecer ante este grande fim todas as paixões e antipatias pessoais:*
- + *Juramos união e fraternidade.*

Anthero de Quental .| .
Francisco Assis Caldeira Queiroz .| .
José Falcão .| .
José Bento da Cunha Sampaio .| .
[espaço branco]
Frederico Philemon da Silva Avelino .| .
João de Sousa Vilhena .| .
José Peres Ramires .| .
Alberto da Cunha Sampaio .| .
Frederico d'Abreu Gouveia .| .
João Carlos d'Almeida Machado
Eduardo d'Almeida Andrade
José Bernardino

COMENTÁRIOS

– a Fraternidade, entendida como uma "fraternidade em movimento", no quadro de projectos colectivos de acção;

– E depois, como aspecto mais significativo, a Igualdade lida pelo prisma da Emancipação.

O documento é assinado por 67 estudantes. Apenas não conseguimos decifrar a 35ª assinatura. Os primeiros nove nomes estão assinalados com a marca .| . , que identifica os Chefes das Secções. Há um espaço em branco, certamente para a assinatura do Chefe da 5ª Secção. Quem seria? Só duas hipóteses nos parecem plausíveis: Germano Meireles ou Florido Teles de Menezes de Vasconcelos ⁽²⁰⁾.

⁽²⁰⁾ Seria exaustivo explicar em detalhe as investigações que nos levam a apontar estes dois nomes. Registe-se apenas que o "chefe da 5.ª Secção" era, inevitavelmente, um colega próximo de Antero de Quental e dos restantes fundadores do *Raio*, e que não se contava entre os estudantes que assinaram o documento. Por outro lado, é sabido que os responsáveis da *Sociedade do Raio* assinaram à cabeça o *Manifesto dos Estudantes*.

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO

COMENTÁRIOS

Luiz Margarido
José Bernardo Bandarra
José Pereira Pinto dos Santos
Francisco Lopes Azevedo Coelho
Benjamim Constante
Domingos Ferreira
Francisco Manuel d'Almeida
José de Mendonça Lemos e Mello
António Mendes Lages de Moura
Francisco Eduardo de Barahona Fragoso
Júlio Lourenço Pinto
Manuel Ferreira da Silva
João António de Freitas Henriques Junior
António Joaquim Pinto da Fonseca
Mariano Machado de Faria e Maia
António Justino Bigote
José da Silva Castro
Simão Coelho Ferreira
António Fialho Machado
Alfredo César Brandão
Eduardo José Segurado
Eduardo David
[assinatura ilegível]
António Pereira Brandão
Augusto de Vasconcelos Monterroso
Anastácio Guerreiro
António Maria Larcher Marçal
Albino Vaz das Neves
José Júlio B. Rodrigues
João Maria de Sousa
Carlos Mayer

É verdade que na versão pública, nem Germano Meireles, nem Florido Teles de Menezes de Vasconcelos assinam nos primeiros lugares; mas na versão original (manuscrita), por nós consultada no *Espólio dos irmãos Sampaio*, as suas assinaturas surgem nos lugares cimeiros.

Antero e a Sociedade do Raio

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO

Guilherme Rodrigues d'Azevedo
Francisco da Silva Magalhães
José Gregório Figueiredo Mascarenhas
José Gomes Ferreira
António Joaquim Ferreira Margarido
António Pedroso dos Sanctos
Francisco M^o Lopes d'Almeida Ferreira
Filomeno da Camara Mello Cabral
António d'Oliveira Monteiro
José António d'Almeida
José Pedro da Cruz
Raimundo Venâncio Rodrigues Capella
António Cardoso Vieira
Candido Joaquim de Macedo Baptista
Sebastião José Conde
António Eduardo de Moura
Lourenço Correia d'Almeida Carvalhaes
José Leite Monteiro
José d'Andrade Ferreira d'Abreu
João Freire Themudo Oliveira Mendonça
Ernesto Kopke
Francisco Ferreira de Carvalho
António Maria Diniz de Sampaio
João Eduardo Lobo de Moura

COMENTÁRIOS

3. Reflexões sugeridas por uma leitura autónoma do documento de Antero de Quental

Leitura (s) da Sociedade do Raio

A *Sociedade do Raio* tem estado envolta por uma auréola de mistério e de romance, alimentando discursos e projectos de sucessivas gerações de estudantes de Coimbra. Existem diversos testemunhos sobre esta *Sociedade*, em grande medida inexactos e fantasiosos, seja pelo desconhecimento em que eram deliberadamente mantidos os estudantes (mesmo os que estavam filiados no *Raio*), seja porque quase todas estas memórias foram escritas vários anos após os acontecimentos ⁽²¹⁾.

Os especialistas anterianos também se referem, sistematicamente, à *Sociedade do Raio*; mas, com excepção de Mário Brandão (1957, 1974) que carrou importante documentação inédita sobre a vida estudantil de Antero de Quental, todos eles se reportam aos mesmos testemunhos, mantendo-se prisioneiros de fontes que sabem pouco fiáveis ⁽²²⁾.

A análise do acervo documental guardado no *Espólio de Alberto Sampaio e José da Cunha Sampaio* autoriza-nos uma perspectiva mais precisa da *Sociedade do Raio*, no que diz respeito aos seus objectivos e regras de funcionamento, à sua estrutura orgânica e acções desencadeadas, à sua composição interna e papel desempenhado pelos seus principais protagonistas.

Vale a pena destacar dois aspectos centrais. Por um lado, a seriedade com que todo o projecto de contestação académica é conduzido, através de um trabalho quotidiano de organização, assumindo os seus fundadores os riscos inerentes a uma acção conspirativa, que teria sido duramente reprimida pelas autoridades universitárias. Por outro lado, a coerência de todo o combate, cruzando dimensões internas e externas à Academia, sublinhando a necessidade de uma "educação liberal" que

⁽²¹⁾ Veja-se, por exemplo: *Antero de Quental – In Memoriam* (1896), Teófilo Braga (1902), António Cabral (1941, 1945), Joaquim Martins de Carvalho (1868), José Leite Monteiro (1863), Faro de Noronha (1910), Pinto Osório (1907, 1915), Antão de Vasconcellos (1920) e Rodrigo Velloso (1863, 1864).

⁽²²⁾ Veja-se, por exemplo: José Bruno Carreiro (1948), Joaquim de Carvalho (1955), Alberto Ferreira (1980), Alberto Sousa Lamy (1990) e Victor de Sá (1963).

Antero e a Sociedade do Raio

prepare as gerações jovens para as reformas sociais que os novos tempos exigem.

Desfazem-se assim as visões românticas e excêntricas da *Sociedade do Raio*, como se tudo não tivesse passado de "brincadeiras de estudantes", sem relevância de monta e sem intuítos dignos de atenção. Quantas vezes não foi citada a célebre frase de Eça de Queiroz, que aliás teve uma participação muito reduzida nas movimentações académicas da época: "Fizemos três revoluções; derrubámos Reitores excelentes, só pelo prazer de derrubar e exercer a força demagógica" (1939, p. 202). Também investigadores de nomeada do século XX alinham pelo mesmo diapasão como, por exemplo, Hernâni Cidade:

"(...) e a Sociedade do Raio, que romanticamente se envolvia de mistério, reunindo seus membros nas sombras nocturnas do Choupal, preferentemente quando melhor o ambiente pudesse dar às sessões aspectos tenebrosos de melodrama ultra-romântico" (1985, p. 211).

Importa repor a *Sociedade do Raio* no seu devido lugar, olhando para lá dos aspectos caricaturais da sua acção, de forma a compreender toda a importância deste projecto. Desde logo, como movimento-memória das lutas estudantis de Coimbra. Em seguida, como espaço de produção de uma outra maneira de perspectivar a educação e de viver a Universidade. Finalmente, como experiência fundadora de uma geração que protagonizou rupturas fundamentais na cultura portuguesa.

Presença (s) de Antero de Quental

Os documentos agora trazidos a público confirmam amplamente o papel central desempenhado por Antero de Quental na criação, organização e dinamização da *Sociedade do Raio*. Não é por acaso que Raymundo Capela escreve em 1891 que "o Antero daquele tempo mostrava mais a espontaneidade e bravura de um condottieri, do que a argúcia e reflexão de um filósofo".

Tal como nas leituras da *Sociedade do Raio*, é preciso que as presenças de Antero de Quental na crise estudantil de 1861-1863 não sejam reduzidas às dimensões "extravagantes" do seu comportamento.

Antero de Quental

Esta experiência de luta e solidariedade académica é o melhor desmentido das teses que pretendem ver Antero de Quental como um "doido entre os seus contemporâneos; era um excêntrico, vivendo nos mundos da fantasia e afastado portanto intelectualmente da mocidade académica que o rodeava" (Teixeira Bastos, 1887, p. 546).

A implicação de Antero de Quental na *Sociedade do Raio* é o início de uma intervenção social coerente e de uma ruptura com práticas conservadoras. A contestação estudantil tem um sentido na vida de Antero, que seria estultícia pretender reduzir a um "parentisis infantil"... É todo um processo conducente mais tarde a compromissos políticos, nomeadamente no quadro dos ideais socialistas, que tem de ser apreendido em toda a sua globalidade, integrando aspectos paradoxais e até contraditórios.

É por isso que não se pode separar a experiência do *Raio* (e outras de intervenção social) do resto da sua vida. As teses que procuram reter uma parte de Antero, esquecendo a outra, denotam tentativas de apropriação que pouco contribuem para a compreensão de um pensamento e de um percurso tão complexos.

A este propósito é muito interessante um olhar atento sobre os discursos produzidos em 1942, no âmbito das comemorações do Centenário do seu nascimento⁽²³⁾. Citem-se apenas duas passagens de discursos proferidos nesta ocasião: o primeiro por Maximino Correia, Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, na sessão de descerramento de uma lápide nos Palácios Confusos; o segundo por Santana Dionísio, no quadro de uma conferência na Casa da Imprensa e do Livro do Porto:

— "Não viemos todos naturalmente prestar homenagem ao socialista arrebatado de panfletos e das conferências do Casino; nem fazer profissão de fé nas ideias iberistas, ou nas irreverências da Sociedade do Raio" (cf. *O Primeiro de Janeiro* de 17 de Abril de 1942).

— "A irrealização do que era lícito esperar de Antero parece-nos ser devido principalmente a duas circunstâncias fatais: a primeira, a queda da sua

⁽²³⁾ Procedeu-se à consulta de uma série de jornais que, em Abril de 1942, noticiaram as comemorações do *1º Centenário do nascimento de Antero de Quental*, nomeadamente: *O Primeiro de Janeiro*, *O Comércio do Porto*, *o Diário de Notícias* e *O Século*.

Antero e a Sociedade do Raio

juventude no meio hofmânico de Coimbra; a segunda, foi a doença nervosa incurável que o inutilizou, precisamente na idade em que provou estar a caminho da completa superação das ilusões adquiridas nesse onírico ambiente da *Sociedade do Raio*" (cf. *O Primeiro de Janeiro* de 19 de Abril de 1942).

Vã tentativa esta de separar o inseparável. O homem é o mesmo. E vai mostrá-lo, ao retomar fora de Coimbra ideias e projectos nascidos *aqui*, neste cadinho de utopias que não se alimentam de ilhas distantes habitadas por povos perfeitos, mas que se dizem na luta *hic et nunc* pela transformação da sociedade (cf. Bronislaw Baczko, 1978).

Duas preocupações sempre retomadas: a crença numa educação regeneradora e a reinterpretção da tríade revolucionária de 1789

"Educar socialmente as classes trabalhadoras. Não nos referimos aqui à famosa educação popular, tão apregoada pelos filantropos da classe burguesa, que se reduz a uma instrução incompleta e banal, incapaz de servir ao homem do povo (...). Dizemos intencionalmente educar socialmente, porque nos referimos a uma educação prática, efectiva, e verdadeiramente democrática (...). Esta é que é a única educação popular – a educação social – porque só esta é prática, orgânica e emancipadora."

Nesta passagem de *O que é a Internacional* (1871) Antero de Quental sublinha a importância da educação para a emancipação dos povos. Mas não de uma qualquer educação, porque tal desiderato só pode ser atingido através de uma educação em que os trabalhadores adquiram a consciência da sua posição e se tornem capazes de produzir ideias próprias. Reconhecem-se aqui posições que o movimento socialista irá aprofundar na viragem do século e que Karl Marx expôs na sua *Crítica do Programa de Gotha* (1875).

É verdade que, como afirma Alberto Ferreira (1980), para os escritores oitocentistas a instauração de uma educação de base, facultada gratuitamente pelo Estado a todas as classes, não é matéria controversa. Mas se o "derrame da instrução" é fundamental para Antero, nem por isso ele deixa de interrogar criticamente o sentido desta instrução e os seus objectivos.

Para concluir nas *Causas da decadência dos povos peninsulares* (1871) que "a nossa fatalidade é a nossa história", Antero começa por constatar que "dessa educação, que a nós mesmos demos durante três séculos, provêm todos os nossos males presentes". No rascunho inicial do *Manifesto* (1862) é justamente contra uma "lei da era de 1600" (24) que os estudantes se levantam, porque sabem que ela tem intuítos conservadores e dificulta a emergência de um espírito inovador no seio da Academia.

A incongruência que Antero de Quental denuncia nos tempos de Coimbra é a mesma que ele questiona no texto de 1871. Porque se é verdade que não há "liberdade sem instrução", é preciso reconhecer que também não há "educação sem liberdade". *O século novo* reclama uma *nova educação*.

"O mundo, entretanto, seguiu Rousseau. Ninguém viu que a unidade matava a liberdade, a delegação a iniciativa, a organização republicana a república democrática. (...) Noutros termos: tratava-se de conciliar a igualdade e a liberdade, cujo divórcio tem causado a ruína das mais heróicas repúblicas, o abatimento das mais florescentes democracias."

A citação é de *Portugal perante a Revolução de Espanha* (1868), texto notável onde Antero de Quental põe a nu contradições que ainda não deixaram de nos atormentar. Fá-lo a partir de uma mutação fundamental do lábaro de 1789, explicada por Joel Serrão: "Consistira ela em deixar intocada e intocável, no lugar cimeiro que lhe competia, a Liberdade, mas em submeter a Igualdade e a Fraternidade a reaquecimentos tão profundos que pudessem, por seu turno, tornarem-se ideias-forças das massas populares" (1979, pp. 380-381).

A Liberdade que levou os estudantes de Coimbra a revoltarem-se contra a repressão das autoridades universitárias. A Liberdade que não pode ser relativizada, que é a independência de pensar e de agir segundo a consciência de cada um.

A Fraternidade entendida como um projecto colectivo, como uma vontade de associação: "Associação e Liberdade: são estas as duas

(24) No original do *Manifesto dos Estudantes* (1862-1863), guardado no *Espólio de Alberto Sampaio e José da Cunha Sampaio*, esta expressão aparece riscada e substituída por "uma lei contemporânea da Inquisição".

Antero e a Sociedade do Raio

ideias salvadoras – e só elas – que, uma pela outra completando-se, podem levar a bom fim as nossas modernas sociedades" (Antero de Quental, 1860).

Numa alocução proferida em 1899 sobre Antero de Quental escreveu Bernardino Machado:

"Assim tem vindo a Academia de Coimbra a demonstrar que a lei soberana dos estudos é também a liberdade e a fraternidade. (...) ninguém encarnou melhor este espírito universitário do que Antero de Quental, ninguém lhe foi mais fiel durante toda a vida. (...) Associação e Liberdade, acentuava ele aqui em rapaz, tais são os únicos princípios salvadores do mundo moderno" (1905, pp. 136-138).

E, finalmente, a Igualdade, esta sim contextualizada, porque Antero já percebe que os termos da tríade revolucionária são complementares, mas também contraditórios. Por isso, ele salienta sobretudo a luta pela igualdade, substituindo de novo o conceito pela acção. A igualdade não é um estado, mas sim um processo dinâmico: "não é *estar*, mas sim *ir sendo*", diria António Sérgio. É nesta perspectiva que Antero de Quental se bate pela emancipação da Academia, como condição primeira de um combate que começa agora e se prolonga por todo o seu percurso de vida.

Fernando Catroga sublinha num texto recente o optimismo transcendental de Antero, deixando transparecer o sentido que ele quis dar à sua filosofia definitiva – esta é "ao mesmo tempo idealista dentro do materialismo e optimista dentro do pessimismo" – e destacando as palavras de Antero: "Saibamos compreender a morte que é a única maneira de sabermos compreender a Vida e de sabermos viver" (1991, p. 13).

Vêm-nos à memória as palavras com que Bronislaw Baczko fecha as *Lumières de l' Utopie* (1978), referindo-se ao quadro "visão fantástica" de Goya. Ao centro dois homens no ar, evadindo-se da terra em direcção a uma Cidade de contornos mal definidos, uma espécie de miragem. Estes homens não chegarão à Cidade com que sonham, porque são atingidos em pleno voo por balas disparadas da terra. Não matemos a metáfora com comentários moralizadores e fúteis, quer sejam optimistas (Será que o homem teria voado se a miragem não

Antero de Quental

existisse?) ou pessimistas (Vale a pena voar para sermos massacrados?). Tomemos o quadro tal e qual: no primeiro plano, ele situa o homem em voo e fixa nele o nosso olhar.

As palavras estão ditas. Ou, como escreveu Alberto Sampaio a Oliveira Martins comentando a morte de Antero de Quental ⁽²⁵⁾: "Enfim acabou-se o nosso santo amigo e com ele vai-se também uma boa parte de nós mesmos".

Bibliografia

- Antero de Quental – In Memoriam*, Porto, 1896.
- BACZKO, Bronislaw – *Lumières de l'Utopie*, Paris, Payot, 1978.
- BASTOS, Teixeira – "Os sonetos de Anthero de Quental", *Revista de Estudos Livres*, 1885 a 1886, pp. 541-554.
- BERNARDINO, José – "Anthero de Quental e o Príncipe Humberto", *Nova Alvorada*, n.º 11, 1 de Março de 1892.
- BRAGA, Teófilo – *História da Universidade de Coimbra nas suas relações com a instrução pública portuguesa*, Lisboa, Por ordem e na typographia da Academia Real das Sciencias, Tomo IV (1801 a 1872), 1902, pp. 488-519.
- BRANDÃO, Mário – *Antero de Quental Estudante – Documentos*, Coimbra, 1957.
- BRANDÃO, Mário – *Estudos Vários*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, Vol. II, 1974, pp. 145-267.
- CABRAL, António – *Glória e Sombras de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, 1941.
- CABRAL, António – *Eça de Queiroz*, Lisboa, Livraria Bertrand, 3.ª ed., 1945.
- CAPELLA, Raymundo – "Memorias de Anthero de Quental", *Nova Alvorada*, n.º 7, 1 de Novembro de 1891.
- CARREIRO, José Bruno – *Antero de Quental – Subsídios para a sua biografia*, Lisboa, Edição do Instituto de Ponta Delgada,

⁽²⁵⁾ Carta de Alberto Sampaio a Oliveira Martins (Boamense, 25 de Setembro de 1891), guardada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Manuscrito da Livraria, n.º 2266).

Antero e a Sociedade do Raio

- 2 vols., 1948.
- CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do século XIX*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, Vol. I (Antheriana), 1955.
- CARVALHO, Joaquim Martins de – *Apontamentos para a história contemporânea*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1868, pp. 263-273.
- CARVALHO, Joaquim Martins de – "As sociedades secretas em Coimbra", *O Conimbricense*, n.º 2189, 18 de Julho de 1868.
- CASTRO, Leite de – "O nosso primeiro presidente", *Revista de Guimarães* (Publicação da Sociedade Martins Sarmento), Vol. XVII, 1900, pp. 5-17.
- CATROGA, Fernando – "O problema político em Antero de Quental – Um confronto com Oliveira Martins", *Revista de História das Ideias*, vol. III, 1981, pp. 341-520.
- CATROGA, Fernando – *Mações, liberais e republicanos em Coimbra (Década de 70 do século XIX)*. Separata do *Arquivo Coimbrão*, Vol. XXXI-XXXII, 1988-1989.
- CATROGA, Fernando – "O optimismo transcendental", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 466, 11 de Junho de 1991, pp. 12-13.
- CIDADE, Hernâni – *Portugal Histórico-Cultural*, Lisboa, Editorial Presença, 1985, pp. 209-226.
- COELHO, F. Adolpho – "O supposto escandinavismo de Antero de Quental", *Revista de Ciências Naturais e Sociaes*, Vol. V, n.º 18-19, 1897, pp. 57-121.
- COELHO, Trindade – *In Illo Tempore – Estudantes, lentes e futricas*, Lisboa, Portugália Editora, 5.ª ed., 1943.
- CRUZEIRO, Maria Eduarda – "A reforma pombalina na história da Universidade", *Análise Social*, vol. XXIV (100), 1988 (1.º), pp. 165-210.
- CRUZEIRO, Maria Eduarda – "Capital simbólico e memória institucional – a propósito da Universidade no século XIX", *Análise Social*, vol. XXIV (101-102), 1988 (2.º-3.º), pp. 593-607.
- FERREIRA, Alberto – *Estudos de Cultura Portuguesa (Século XIX)*, Lisboa, Moraes Editores, 1980.
- GOMES, Joaquim Ferreira – *Relatórios do Conselho Superior de Instrução Pública (1844-1859)*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1985.

Antero de Quental

- LAMY, Alberto Sousa – *A Academia de Coimbra (1537-1990)*, Lisboa, Rei dos Livros, 1990.
- LEAL JÚNIOR, A. de Moraes – *Uma página académica – Opúsculo crítico-histórico em que é imparcialmente julgada a Academia de 1863 a 1864 sobre a petição de perdão d'acto*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1864.
- LOPES, António Rodrigues – *A sociedade tradicional académica coimbrã*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1982.
- MACHADO, Bernardino – *A Universidade de Coimbra*, Coimbra, Typographia F. França Amado, 1905.
- MONTEIRO, José Leite – *O ultramontanismo na instrução publica de Portugal – Reflexões a proposito da manifestação académica do dia 8 de Dezembro de 1862*, Coimbra, Imprensa Litteraria, 1863.
- MOOG, Vianna – *Eça de Queiroz e o Século XIX*, Porto-Alegre, 1939, pp. 33-40.
- NORONHA, J. de M. T. Faro de – *Notas críticas ao In Illo Tempore de Trindade Coelho*, Porto, Magalhães & Moniz, Lda., 1910.
- OSÓRIO, Pinto – *Lembranças da Mocidade – Alguns casos históricos da Academia de Coimbra*, Porto, Typ. da Empresa Litteraria e Typographica, 1907.
- OSÓRIO, Pinto (Pedro Eurico) – *Figuras do Passado*, Lisboa, Typographia Editora José Bastos, 1915.
- QUENTAL, Antero de – *Raios de extinta luz e outras poesias* [Prefácio de António Salgado Júnior – Notas de José Bruno Carreiro], Lisboa, Edição de Couto Martins, 1948.
- QUENTAL, Antero de – *Obra Completa – Prosas da Época de Coimbra* [org. de António Salgado Júnior], Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1973.
- QUENTAL, Antero de – *Prosas Sócio-Políticas* [org. de Joel Serrão], Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.
- QUENTAL, Antero de – *Obras Completas – Cartas I (1852-1881)* [org. de Ana Maria Almeida Martins], Editorial Comunicação/Universidade dos Açores, 1989.
- QUENTAL, Antero de – *Obras Completas – Cartas II (1881-1891)* [org. de Ana Maria Almeida Martins], Lisboa, Editorial Comunicação/Universidade dos Açores, 1989.
- RIBEIRO, José Silvestre – *Historia dos estabelecimentos scientificos*,

Antero e a Sociedade do Raio

litterarios e artisticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarchia, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, Tomo XVI, 1889.

- SÁ, Vítor de – *Antero de Quental*, Braga, Edição do Autor, 1963.
- SERRÃO, Joel – "Do pensamento político-social de Antero de Quental (1868-1873)", in *O Século XIX em Portugal* [coord. Jaime Reis, Maria Filomena Mónica e Maria de Lourdes Lima dos Santos], Lisboa, Editorial Presença/Gabinete de Investigações Sociais, 1979, pp. 373-391.
- Universidade(s): História–Memória–Perspectivas*, Coimbra, Comissão Organizadora do Congresso "História da Universidade", 5 vols., 1991.
- VASCONCELLOS, Antão de – *Memórias do Mata-Carochas*, Porto, Empreza Litteraria e Typographica Editora, 1920.
- VELLOSO, Rodrigo – *Folhas ao Vento*, Coimbra, 1863.
- VELLOSO, Rodrigo – "Proezas d'um calouro". Série de artigos publicados no semanário *O Attila*, entre o n.º 1 (5 de Dezembro de 1863) e o n.º 12 (12 de Março de 1864).
- XAVIER, Alberto – *História da greve académica de 1907*, Coimbra, Coimbra Editora, 1962, pp. 33-59.

Juramento de adesão de Albino Montenegro à
Sociedade do Raio
(Coimbra, 22 Novembro 1862)

Convencido da necessidade de combater
uma instituição viciada:

Convencido de que este nobre fim só
por meio d'uma sociedade secreta se alcan-
çará.

Convencido de que esta sociedade não
pode existir sem segredo, actividade
confiança e obediência

Juro por Deus - pela minha honra - pelo que tenho
de mais sagrado -

Combater por todos os meios justos o
despotismo universitário:

Obedecer em tudo ás ordens que
receber:

Guardar um segredo absoluto.

Juro esquecer antipathias pessoais e
inimizades ante este fim nobre e pa-
triotico.

Juro confiança, actividade e segredo

Coimbra 22 Novembro 1862.

Albino Montenegro

II

Juramento de adesão de Joaquim Gaspar da Câmara Manuel à
Sociedade do Raio, confirmado pelo
"Delegado da Sociedade", Antero de Quental
(Coimbra, 17 Dezembro 1862)

Convençido pela necessidade d'elevar pela educa-
ção liberal a nação Portuguesa a altura da
missão regeneradora do nosso século. Convençido
ainda mais que tudo de que não podemos
preparar-nos para as grandes luctas da
liberdade sob o jugo aviltante das leis op-
pressoras e barbaras preconceitos Universi-
tarios. Convençido de que isto só por ~~sempre~~
pacto d'aliança se alcança. Convençido de
que esta sociedade não poderia existir
sem segredo, actividade, e confiança, e
obediencia. Juro por Deus, pela minha
honra, pelo que tenho de mais sagrado com-
bater por todos os meios justos e desprovis-
tos Universitarios - empunhar todos as minhas
forças na repprima d'esta instituição - obedecer
em tudo as ordens que reciba para este fim
juro guardar um segredo absoluto - juro con-
fiança, actividade, e dedicacão.

Coimbra 17 de Dez.

1862

José Gaspar da Câmara Manuel

Antero de Quental. Delegado da Sociedade.

(1863)

Amigos.

Não ha ainda onze meses que alguns homens, fracos e isolados, tendo só por si a fé que dá uma vontade energica, ententaram um commettimento quasi ridiculo, tão grande era elle, e tão fracos elles.

Tratava-se de reformar abusos. Abusos arraigados pelo privilegio de um seculo; vinculados por interesses; sustentados pela força da inercia; sancionados pela tolerancia ou indifferença dos que os sofrem. Tratava-se de reformar uma organisação d'estudos retrahada de 100 annos; um processo inquisitorial, sem garantias nem liberdade; a immoralidade das vingancas pedaes, em vez da justiça; a espionagem avorada em mantenedora da ordem; a denuncia feita principio d'educacão; o direito de escrever, falar, e até pensar, annullado com a ameaça de um P; o terror, em vez do espirito de franqueira; a mocidade desmoralizada pelo habito de tanto se curvar; sem fraternidade; sem espirito de classe, sem amor; dividida; viciada pelo contagio; levando ao seio do pair o virus inculcado aqui; a mocidade, livre por que é nova e

enthusiasta, perdendo cada dia essa mais bella
flor da sua alma..... Tratava-se, finalmente,
de livrar um seculo novo do fantasma d'outro
seculo morto e enterrado..

Esse o estado da Universidade e, mal de nos,
o estado de grande parte da academia.

Se o abuso e' grande, grandes são as raizes
q. lancou. São fortes, por que estas de cima
tem na sua mão a sorte de todos nós; tem
amigos no poder; tem em esta terra amigos,
que os interesses que representam lhes gran-
deasão.

Quem se erguia contra elles? Ergueriam outra
voz; o braço, nenhum. Os que tentavão a
Reforma, fracos, sem protecção, mal vistos,
tinham ainda, contra si, a indifferença
da Academia, o ridiculo de sua fragueira,
a inimizade de muitos. Era pois neces-
sario organizar o combate, sem q. se visse
a cabeça q. o dirigia; apontar a espada
e esconder a mão. Si uma palavra, era mis-
ter Conspirar antes de combater lealmente;
organizar as forças, unir, evangelizar, ma-
quinar na treva, em quanto a nossa fra-
gueira nos não desse que apparecessemos à
luz do dia.

Dizer isto, e' mostrar a necessidade d'uma
sociedade secreta, onde se prepararem o

espirito e o animo da Academia, para maiores
Compromettimentos.

Como organizar esta sociedade? com franqueza,
falando a um e outro de cara descoberta, traba-
lhando em communis; discutindo e decidindo todas,
era impossivel. Primeiramente — os que a fun-
daraõ não tinham a confiança e sympathia dos
que chamassem a ajuda-los; depois — a acade-
mia, desunida como está, dividida em 100
cabildas opostas, cheia de desconfianças, mais
motejadora do que levada à creença, não se
prestava a uma forma tão livre: por outro
lado — a espionagem universitária, era obs-
táculo a reuniões repetidas: finalmente —
aos que emprehendião este trabalho assustados
hia a sua mesma fragueira se lhe não en-
cobrissem. Era mister conspirar na sombra;
dar á nossa impotencia, a força emprestada
do misterio; ser-se despotico; assumir a di-
tadura; dar ordens, sem poder consultar
mais do q. indirectamente o voto e o espirito
de todos.

Quem tem vivido no meio da Academia,
Comprehende bem que a melhor vontade, a
maior energia, a maior dedicacão e traba-
lho, não podem lutar contra a desconfi-
ança, que é um dos primeiros fructos da tyra-
nia q. nos oprime.

Tal foi a origem da forma q. até aqui tem

tudo esta sociedade. — Coligamos homens de bom que-
rer e actividade, assumindo o poder q. deveria
dimanar de todos: os poucos em quem se podia
com segurança confiar, e que tenham a boa
fé de confiar em nós, transmitindo, ser-
vindo de fio conductor entre estes e aquelles
outros, com quem ser francos nos era ainda impossivel.
Em cousas d'estas e' preciso estudar os homens,
antes de os admittir às decisões e aos se-
gredos: e' preciso, muita vez, illudis, mes-
mo servindo; mentis, aquelles mesmos a
quem se faz um bem. Se, quando esta
Sociedade continuava apenas de 40 a 50 ami-
gos, esses poucos tivessem occasião de se
contar e comparar o pouco que era com
o muito a fazer, desde essa hora a sua
morte se tornaria inevitavel.

O silencio, o misterio, a pouca franqueza,
fora, entao, a primeira condicão da nossa
vida: só de esse modo se poderia orga-
nizar as forças, para, depois, francamente,
se combater. ~~Esta~~

Esta forma, a unica possivel, tinha entre-
tanto e tem em si elementos de morte, se
à maneira q. crescemos e vigoramos se não
for alargando e tornando mais livre. O
misterio, que e', por um lado, uma das mi-
oas garantias, e', por outro, principio
do desorganisação. Como, para uma

medida, nem todos discutem ou votam, não ha
maneira de sabermos todos o que fazem alguns, o
que planeiam, se trabalham ou se dormem.
Pode decorrer um mez entre duas occasiões em que
trabathe e obre a maioria da Sociedade: co-
mo se não vê o lidar misterioso, julga-se
que se descança e que se esquece o fim.

É um engano. O que se fazia o anno pas-
sado? Nada, aparentemente. Pois, a feiç.
não houve um só dia n essa epoca em que
não dessemos muito e muito passo no in-
teresse do nosso intento. Dias passados a van-
gelisar, ganhar, uma a uma, as vontades; a
ninar os fracos; convencer os descrentes. O
trabalho de estender influencias; de procura-
rar occasiões para obrar. Os perigos com que a
imprudencia d'um ou outro a cada hora
nos ameaçava: a espionagem q. era necessario
illudir: o combate dado, em cada dia, con-
tra a indiferença d'uns espiritos, contra a
descrença de muitos outros. As inimizades
q. tudo isto acarreta. Mil cousas pequenas
que, muitas e muito repetidas, são por si
só um mundo d'embaracos. O expediente
de cada manhã: as tardes absorvidas em re-
latar o trabalho d'hije, discutir e combi-
nar o d'amanhã. Noites e noites d'inver-
no, passadas em sitios longinuos, onde a
policia não podesse chegar, a' espera de mais
um, amigo, de mais um que nos quisesse

ajudas e que, muita vez, no meio do caminho, a
desconfiança ou indiferença fazia recuar.

Tudo isto parece suficiente para entreter, e
entreter é já tanto, quem, inexperiente e desajuda-
do, se via a braços com tanta dificuldade,
e, o q.º é mais, tanto desgosto, por que meiu-
ta e muita hora escura nos tem toldado
o céu da esperança. Desgostos, desintelligen-
cias (q.º os ha sempre onde se discute e en-
contram opiniões) tudo isto — junto ao traba-
lho obrigatorio d'aulas e estudo — formará
a nossos olhos o quadro de parte de nossas
ocupações n' esse meio anno.

Parte, digamos, por q.º, em meio de tudo isto,
ainda houve tempo para mais. Aquillo era
o minar surdo, a propagação, a organização;
sem isso, como começar a combater, a lutar?
E, entretanto, lutou-se. Pouco... seria: mas
se vos dissermos que, quando apenas conta-
vamos 20 no nosso numero, impedimos
q.º uma recita, que podia desacreditar a
Academia, por q.º era dada em beneficio de
um partido retrogrado e illiberal, mas as-
tucioso; que era como dar armas aos inimí-
gos, não só os d'esta sociedade, mas de
todos nós; que era argumento contra o
nosso espirito... e que essa recita não chegou,
apenas, a ocupar nem os tipos de impres-
são: se vos dissermos q.º n' um dia memo-
ravel, podendo nós ainda contar com os
olhos, tão poucos eramos, alvoroámos os ani-
mos de toda a cidade, e mostramos que

o anniversario das instituicoes liberaes, era ainda
festajado pela mocidade; se vos dissemos q.
impedimos que, in uma noite de esquecimento,
a Academia fosse debaixo das janellas do
seu peor inimigo, sandal-o como musico, dar
vires a um Poytor, de cuja mao temos re-
cebido mil ultrajes: que, em outras duas
ocasioes, provocamos explosoes de entusias-
mo e saudaes a palavra e Idea santa de in-
dependencia e liberdade, q. mostrarao ao pais
que nao estavamos mortos e, ao nos inimigos,
que nao sopriamos o juizo de boamente; que
fizemos a nossa disposicoes 7 gornaes, al-
guns d'elles importantes, para terem foga
d' aqui lecho as nossas palavras: que n' esse
prazo e em meio de tanto embaraco atra-
mos ao nosso goerno numero avultado de
amigos a ajudarnos... se vos pintarmos este
quadro assim, nao sera exagerar-lhe os toques
por que e este o transumpto fiel do traba-
lho, actividade, encombros, perigos, compro-
metimentos e eniridades q. a sociedade tem
custado aos seus fundadores, ate chegar a
um estado, se nao satisfatorio, ao menos, o-
ferecendo garantias de vires e dar bons re-
sultados.

E' por isso q. mas se podia, ati agora, dar
uma organizacao melhor, mais franca, mais
lijada, a esta Sociedade. Mas era possivel;

nem nós o podíamos tão bem querer: não queríamos,
em quanto não houvesse força imponente para por
si mesmo se defender, em caso de comprometimento,
que sofressem todos as consequências da inespera-
ência d'alguns. Se até agora houvesse um com-
promettimento, esse tal, grande ou pequeno, seria só
nosso, de mais ninguém. Agora, a nossa força
já a si mesma se cobre de qualques agressões:
100, 150, 200 homens não se hostilizam como
5 ou 10, por que se temem, e temem tanto
mais, q.^{to} mais se uniram e cresceram. Já não
é uma coterie, é um partido. Agora podemos
trabalhar com franqueza, podemos já dar
uma forma litta e racional á nossa orga-
nisação: podemos, d'entre as 10 seccões, com
q.^{to} hijs contamos, escolher os melhores, os
mais activos, os mais intelligentes, mais ex-
perimentados, para com elles se formar uma
parte essencial d'este organismo: um conselho
q.^{to} dicida as questoes e planos importantes;
que nos ajude e esclareça; com o qual
caminhemos de comum accordo: Nós - a' fren-
te da accção; vós - aprovando ou rejeitando o que
deve ser feito ou omitido.

É para isto q.^{to} seis hijs aqui chamados: d'entre
vós todos não ha um só que, por seus traba-
lhos e dedicacão, não tenha a nossa confiança;
a vossa. Devemos nós merecê-la, por q.^{to} não é pou-
co o q.^{to} temos luctado, sem fraqueza a vontade
de progredir. Uma assembleia, composta
de quanto de melhor há entre nós; de

cidindo e votando todas as medidas importantes; um
Concelho comandando a acção; successos dirigidos cada
um a um chefe para q. essa acção circule com
rapidez por todo o corpo; actividade e confian-
ça nos animos de todos: eis em poucas pala-
vras o segredo da nossa organização. Eis, temos fi-
a maneira de realisar o nosso fim, tão justo e
tão necessario.

Demos graças á providencia / q. ha tambem uma
para os q. se fêm por uma causa nobre) demos-
the graças por ja hoje, como irmãos, de casa,
descubertos, esquecendo inimicidades pessoais, sem
misterio, com toda a confiança, poderemos tra-
balhar em comum, sem haver mister de es-
bruir o rosto com a mascara e o coração com
fingida indifferença.

Esta medida vai nos dar a força que nos fal-
tava: a Confiança - Faltava ella por q. não era
possivel, não trabalhando em comum, saber o
q. se fazia, ou se mesmo alguma coisa se fazia.
Algu de um de vos, terá por veres julgado tu-
do isto morto ou mueribundo: e talvez q. n'essa
hora se estivesse lutando com mais energia do
q. nunca - Agora, vamos saber uns dos
outros e hade a confiança florir e fructificar
entre nós.

Alhi tendes pois os vossos poderes. É um
pacto entre todos: mas um pacto de união
e de fraternidade - Esse pacto vamos jurar.
Mas, antes de isso, perd' convenientemente exporvos

o plano de nossos trabalhos futuros. Parte, em via de realisação; parte, já mais alcançados: parte, à espera de meios e occasiões propicias.

Quatro são as alas de nosso exercito de ataques: 1.^o Por um lado, a palavra; o descredito d'estes abusos e instituições velhas: a imprensa batendo em breva a opinião publica: criando no pais um partido ~~de~~ convencido de estes males e disposto a ajudar-nos na obra da libertação.

Em 2.^o lugar — a reacção activa e franca: não da parte de um ou outro, mas de todos nós, e, por nossa influencia da Academia em massa, manifestando-se, em todas as circumstancias, contra a opressão q.^o lhe fazem sofrer.

Em 3.^o lugar — As influencias, já aqui, ^{já} entre os principaes dos varios partidos, já entre todos aquelles, finalmente, q.^o nos possam estender a mão, a levantarmos.

Em 4.^o lugar — as occasiões q.^o as altermativas politicas nos possam oferecer, e q.^o nos devemos aproveitar, com tanto q.^o preservemos a independencia e dignidade do corpo a q.^o pertencemos.

Em 5.^o as primeiras pontas — Evangelissemos: pro paguemos: nas reuniões dos amigos, nas correspondencias, aqui, fora daqui, no Club Academico ou na botica d'aldeia, falar, falar sempre, expor o estado em que estamos, as reformas que pedimos: creámos apim uma opinião na academia, e depois em todo o pais, no sentido da nossa idéia: Façamos soar aos ouvidos de todos o luctubre som de nossas algemas, sacudida n'uma

aviso d' applicaço. - Emquanto ao jornal.
Trabalhamos activamente para termos sem-
pre em cada jornal do paiz uma colum-
na nossa, onde possamos suspender o su-
pario das nossas misérias. Ao mesmo tempo,
em breve os melhores do paiz se movi-
brinas. D'entre vós todos aquellos que podem
com o peso d'um penho de jornalista pre-
parem-se, porque um correspondencia ac-
tiva de todas as semanas sera' organizado
em breve, como ariete apertado em um
do edificio que atacamos. Trabalhemos de mais
velho, estudos sobre reforma de ensino
em processo, sobre tantos outros pontos im-
portantes se estao' ja' elaborando e em bre-
ve apparecerao' ja' em folhetins nas folhas
avulsas, ja' saecundidos na chuva ar-
dente de pamphletos, cada nas mãos
de todos. Em quarta não alcançarmos
(porqu' um obstaculo, por ora se apparecem
um jornal nosso, irriteiramente suppo
que seja a voz da nossa idelia, ebrando
do em todas as angulos do paiz, apre-
veitaremos todas as emegs favoraveis.
Fallou-se o anno passado em se crear
um jornal no Theatro Academico. no
Club tem apparecido egualmente idias
suo recotada de se fundar um se-
mario. apoiados nestas duas ap-
ciacoes, tendo entrada e voto nellas,
appropiaríamos cada um mais espe-
naes a nossa idelia: activaremos o
apparecimento, dor. the. hemo, paub. ter-
mente uma direcção hostil a' Nova
verdade, de que em todas tomem es-
ta cor. - E' para isso que nos com-
vencem termos por vós a direcção do
tas applicaço. N'uma destas carac-
cemos ja' a elleição, na outra, a in-

do que dividida a victoria, espera-
mos que a energia, e mutua confi-
anza nos faça ser vencedores. Proje-
tando uma lista, boa ou má se-
rá esta a votada. muitas cousas as an-
tipathias pessoais devem esquecer, por-
que o trabalho cooperado é o unico
meio de se alcançar um exito feliz.
É este o primeiro trabalho de que nos va-
mos occupar. para elle como prova
da nossa boa vontade exigimos a
maior energia da parte de cada um,
porque estas questões é para nós vitas,
porque nos devemos transigir com
antipathias pessoais, porque uma des-
voto será uma trizta e perigosa in-
vestigação da nossa impotencia.
Apresentaremos toda a occasião de
levar a academia a protestar em
mapa contra os olucos e contra
os humens; toda a reunião nos dará
margem a manifestar o nosso des-
contentamento desde que estas mani-
festações se fação em numero tal, que
não possam haver compromettimen-
tos... Mas que compromettimen-
tos podem haver, quando forem 50, 100,
ou 200 os comprometidos, dos mais in-
taveis, dos mais queridos, ou temidos?
e que podem haver? temos bueto
do pa com esta perigo, continuamos
a cobrir com a nossa responsabilidade
o corpo da sociedade, para que pad-
cendo cubra algum honens, fique
salva a instituição. - Mas quando
chegar a hora de sermos desheredados,
será esta tambem a da nossa força.
Mas então surjiremos nós a comba-
ter cara a cara, porque então se-
rá ella forer a nossa garantia;

será proterea para cada um a mod-
tição d'agilidade, que não era. — Descre-
ditados os nossos inimigos pela impren-
sa. Desorientados pelo inesperado do in-
vimento. atterrados pela força d'uma
sociedade, de que ignorão os recursos,
e por isso exagerat na imaginação,
fulminados por manifestações repeti-
das, não será título de vingança, im-
suspeita, mas antes de terror e respeito.
Não riscaremos do nosso código penal
as medidas emergenciaes, porque para quem
conspira são honestas as meias, quan-
do os fins tiverem santidade bastante
para as justificar. — Dentro e fora
da sociedade deve o braço da justi-
ca revolver-se punitivo, ou recom-
pensando.

Que nos não aperte o nome de conspi-
radores. Perde a hora em que nosos almas
formaram o desejo da revolta, juramos o
pacto da conspiração. Elle é bello
pouroe esse pacto, porque é o grito
sempre aquelle que mesgurentes e apo-
nhado se levanta contra uma tyra-
nia forte e rodeada de defensores.

É bello esse pacto, porque é o jurame-
nto solenne de irmãos nas mãos
de irmãos sacrificando inimicades, e
nas antipathias, interesses pessoais. Já
para termos escripto um o nosso nome,
com esse nome vestimos o mantel das
nossas acubicações individuais. Mas
aqui ao entrar nesta sociedade, dei-
vamos cahir dos hombros esse mantel
merquinhu, apparemos uns a si e a
tro na undér sublime d'alma,
que se chama fraternidade.

- Em nome da Liberdade Santa de defender cada um a dignidade da sua alma.
- Em nome da Fraternidade que nos une a todos em um comum anseio:
- Em nome da emancipação, da regeneração da Academia:
- Justiça = pela honra = pela mais alta grada creença do nosso espirito = pela vida de quem nos é mais caro = pelo Bem de nosso País e pelo nosso:

- + Combater pela palavra e pelo exemplo os defeitos das instituições académicas, fonte de demoralisação p^o nos e p^o o país.
- + Trabalhar sem trépoa nem descanso n'este nobre empeño; aqui e fora d'aqui; em todos os tempos e por todos os meios.
- + Propagar esta idea; defendê-la e evangelizá-la.
- + Juramos castigar toda a traição com rigor correspondente ás suspições, ao trabalho, ao serviço com q^o arostantos.
- + Juramos esquecer ante este grande fim todas as paixões e antipatias pessoais.
- + Juramos união e fraternidade.

Antthony de Guental.].

Francisco d'Almeida Caldeira Queiroz.].

Jose Falcão.].

Joaquim de Souza Campos.].

Frederico Phisaron da Silva Avelino.].

João de Sousa Wilthero.].

Jose Perez Ramirez.].

Alfredo da Cunha Campos.].

Frederico d'Albuquerque
João Carlos d'Almeida Machado
Eduardo de Almeida
João Bernardino

Luiz Margarido

João Bernardo Brambora

João Paulo Pinto dos Santos

Franco Alves de Castro

Benjamin Constant

Antonio de Jesus

Francisco Manoel de Almeida

João de Mendonça Lemos e Rebelo

Antonio Mendes Lage de Moura

Francisco Eduardo de Araújo Freyre

Julio Laureano de Brito

Manoel Ferreira de Silva

João e Antonio de Freitas, Henriques

Antonio de Jesus, Pinto da Fonseca

Mariano Machado de Faria e Silva

Antonio Justino Bezante

João da Silva Costa

Simão Leão Ferreira

Antonio Farias Machado

Alfredo Leão de Brumado

Eduardo José de Souza

Eduardo de David

Antonio Pereira de Almeida

Augusto de Vasconcelos Monteiro

Enocacio Guerrero

Antonia Maria de Santa Maria

Albino das Neves

João Julio B. Rodrigues

João Maria de Sousa

Carlos Mayer

Quiteria de Rodrigues e Aguedo
Francisco da Silva Magalhães

João Gregório de Figueiredo

João James Ferreira

Antônia Figueiredo Ferreira Margarido

Estanislau Peres do Santos

Francisco Maciel Lopes d'Almeida Freire

Tomás da Câmara Aguiar Cabral

Antônio S. Oliveira Monteiro

João Antônio d'Almeida

José Pedro da Cruz

Raimundo Tenacino Rodrigues Capella

Antônio Cardoso Vieira

Cândido Joaquim de Abreu Baptista

Sebastião José Loude

Antônio Eduardo de Moura

Lourenço Costa d'Almeida Carvalho

João Herte e Montano

João d'Almeida Ferreira d'Almeida

João Freire Theodoro d'Oliveira Abençano

Antônio Nogueira

Francisco Ferreira de Almeida

Antônio Estevão de Almeida e Langraes

João Eduardo Rebelo de Moura